

Literatura e o Estado das Artes

Inicialmente, pretendemos demonstrar que a literatura, como a arte em geral, sempre se utilizou da tecnologia disponível para se materializar, na tentativa de mostrar que a telenovela pode ser considerada como uma forma de produção literária típica do presente momento tecnológico pós-moderno. Em outras palavras, a literatura se fez a partir do estado das artes de um dado momento, como, aliás, toda produção cultural.

Da literatura oral à literatura gravada nos pergaminhos, passando pelos escritos literários feitos com pena de ganso, escritos a lápis, escritos a caneta, chegamos à literatura digitada no computador ou a literatura feita para a televisão, sendo todas manifestações do homem, independentemente do meio de expressão.

A capacidade e a necessidade de representação parecem inerentes ao ser humano. A arte seria inerente ao homem. No começo da humanidade, quando os primatas começaram a se transformar em humanos, já havia representação, ainda que pictórica, como comprovam as pinturas rupestres nas cavernas pré-históricas. Se o homem pré-histórico tinha que matar um perigoso mamute, ele desenhava na caverna o animal perigoso sendo morto e isto serviria para agradar aos deuses e organizar o pensamento incipiente do caçador. Desenhar era praticamente matar a caça. Quer dizer, a representação da ação significava a própria ação. Assim, a primeira demonstração de arte foi pela imagem.

A representação através de imagens estaria de volta dez mil anos depois quando o homem inventou o cinema e a televisão e pôde expressar sua manifestação literária em que conjugaria palavras com imagens e movimentos para contar uma história, demonstrar uma tese ou narrar uma façanha real ou imaginária.

O homem aprendeu a falar em um dado momento e neste exato momento se tornou homem, na acepção próxima do que a conhecemos. A língua, por mais tosca, é um código, é uma representação. Então, o homem viveu, conviveu e sobreviveu milhares de anos, comunicando às novas gerações suas descobertas e invenções, como o fogo, a roda, os ciclos de plantações, as fases da lua, a época

da sementeira, a época da colheita, as curas para as doenças pelas plantas e as fórmulas mágicas para agradecer aos deuses, através da língua falada.

Era um avanço enorme, mas insuficiente; faltava a escrita. A escrita, inventada talvez pelos fenícios, tomou a forma parecida como a que conhecemos hoje aproximadamente no século VIII a VI a.C., com os gregos, que inventaram a escrita alfabética, simples, barata, infinita, no lugar de uma linguagem silábica e complicada usada até então, como mostra Gilberto Mendonça Teles (TELLES: 2005, 108). Ela tornava perene todo o estoque de conhecimentos de um povo, indispensável na luta pela sobrevivência física contra animais selvagens, maiores e mais ferozes, e pela sobrevivência cultural, que seria utilizada durante muito tempo para facilitar a primeira. E também a sobrevivência espiritual, pois o homem sempre buscou a eternidade, da qual as tumbas e múmias egípcias são apenas alguns dos exemplares. Sem a escrita, a imortalidade de muitos autores, objetivo sempre perseguido, seria, obviamente, impossível.

Linguagem e escrita fizeram do primata um homem. Faltava, porém, ainda uma forma de sobrevivência mais fácil do que enfrentar animais selvagens toda semana para se ter o que comer, que foi dada pela agricultura, pelo longo aprendizado que o homem primitivo teve durante séculos com a terra e com o milagre da fertilidade das plantações, do alimento sempre renascendo, das estações, do plantio, da sementeira, do cultivo, da colheita, do replantio; do outono, inverno, primavera e verão. Não é à toa que todos os povos antigos tinham no deus da agricultura o mais importante deles, que era cultuado logo depois dos criadores do mundo, como Zeus e Júpiter. Também não é por outra razão que a própria palavra “cultura” é uma forma polissêmica das antigas culturas agrícolas.

Pois os romanos, senhores do mundo durante mais de mil anos, cultuaram Saturno, o seu deus da agricultura, senhor dos ciclos da vida, senhor da vida e da morte, do renascimento, do recomeço, da fertilidade, a ele consagrando uma grande festa, as saturnais, em que tudo se invertia, onde os escravos eram servidos pelos senhores, onde o bufão era coroado rei por um dia, onde o riso se sobrepunha a tudo, onde tudo era permitido, inclusive excessos sexuais. Fertilidade e sexualidade muitas vezes se confundem, como se sabe. Saturno é um deus romano derivado do deus grego Cronos, senhor do tempo. As saturnais foram tão importantes que tudo parava no mundo antigo para sua celebração.

Ainda hoje, pode-se dizer que em todo o mundo ocidental as saturnais são celebradas, com as devidas adaptações, com a denominação de carnaval, mesmo depois de dois mil anos de cristianismo, que delas se apropriou, expurgando os elementos pagãos que pôde retirar, eliminando o que pôde de carnal, profano, pagão. É sabido que a Igreja Católica combateu ferozmente todas as manifestações do paganismo. Apesar de todo o expurgo cristão, porém, o carnaval ainda é a festa da luxúria, da carne, do pecado, da inversão. É necessário dizer que as saturnais romanas, que continuaram a serem celebradas na Europa medieval, eram mais ou menos toleradas pela Igreja Católica, mais ou menos combatidas pela Igreja, dependendo do momento político, mas sempre foram uma das mais livres e autênticas formas de manifestação da cultura popular, inclusive na França de Rabelais de 1500, tão bem estudada por Bakhtin.

Exposta nossa visão do início da linguagem, demos voltar, porém, à gênese da literatura. Desde os primórdios, a busca da inexorável sobrevivência passou a depender da capacidade de raciocínio do homem, que ora começava e já estava indissolúvelmente ligada à capacidade de comunicação, à linguagem. Os problemas para o frágil animal que começava a possuir intelecto eram imensos e inumeráveis, tanto que foram necessários milhares de anos para descobrir o fogo, a domesticação dos animais, a agricultura, sendo imperioso transmitir às novas gerações velhas sabedorias, indispensáveis para a perpetuação da espécie. Essa transmissão, feita inicialmente pelos anciãos, depois pelos sacerdotes, misturava lições de agronomia com magia e religião, todas ligadas à sobrevivência. Daí para glorificar as verdadeiras ou fantasiosas façanhas heróicas de antepassados, foi uma questão de tempo – nascia então a literatura. O mito de *Roque Santeiro* na fictícia cidade de Asa Branca, no sertão baiano, retoma tal glorificação de um herói da comunidade. Com a inexorável divisão social do trabalho, a arte de contar histórias deve ter passado logo para os poetas, que na Grécia Antiga seriam os chamados “*aedos*”.

A questão básica da sobrevivência física dependia, entretanto, dramaticamente de fenômenos inexplicáveis para o estado das artes daquele momento. Os primeiros humanos não conseguiam entender racionalmente como o raio que caía do céu no meio da chuva dava fogo; como a chuva, dependendo da intensidade, poderia proporcionar água que matava a sede ou arrasava tudo; como o plantio em certas estações do ano poderia redundar em fartura ou fome – por

isso surgiram a magia e a religião, que num primeiro instante se confundem. Não tendo instrumental racional para explicar esses fenômenos, o homem primitivo só podia vê-los como mágicos, nascendo assim, os primeiros rudimentos religiosos e das cerimônias religiosas para obter os favores dos deuses, e delas, é bastante provável, nasceu o teatro. Assim, teatro e literatura que irão conviver durante dois mil e quinhentos anos num casamento indissolúvel e tumultuado, nascendo de necessidades diferentes, como vai sugerir Yan Michalski (KHÉDE: 1984, 48): “Não parece haver dúvida de que as origens do fenômeno dramático muito pouco tiveram a ver com atividade literária.” Ele próprio vai dizer que as origens do teatro estão “notoriamente ligadas ao ritual religioso.”

A transmissão oral do legado cultural tinha óbvios problemas que foram resolvidos com a invenção da escrita alfabética. Os “*aedos*” gregos, então, puderam registrar seus cânticos, sendo um dos mais famosos a narrativa da guerra dos gregos contra os troianos, por causa do rapto de uma linda mulher, Helena, com a glorificação do mundo helênico, a *Ilíada*, e o outro, a narrativa das peripécias de Ulisses vagando pelo mundo durante vinte anos, a *Odisséia*, ambos narrados por Homero, o primeiro poeta do mundo ocidental. Quando Homero escreveu *Ilíada* e *Odisséia* estava definitivamente inventada a literatura escrita. Aliás, muitos estudiosos entendem que *Ilíada* e *Odisséia* eram poemas orais, cantados por vários poetas gregos, cabendo a Homero tão somente o mérito de tê-los agrupado e transcrito para a forma escrita. Essas duas visões confirmam que havia uma literatura oral que posteriormente se transforma em escrita.

A invenção da escrita para registrar tais feitos e façanhas foi um salto tecnológico enorme, do qual a invenção do cinema, televisão e internet podem ser consideradas simples desdobramentos. O grego Homero, com suas duas monumentais obras, *Ilíada e Odisséia*, narrando os feitos e o modo de viver dos gregos antigos, cantou seus heróis e deuses, e deu início à literatura.

Dos cânticos gregos às imagens coloridas de uma novela televisiva, evidentemente, foi uma longa viagem. Importante, porém, é sabermos que imagem e literatura sempre estiveram ligadas na arte. Na antiguidade clássica, os gregos vão se preocupar com a representação, seja pictórica, com Plotino, seja na arte poética, leia-se literatura, com Platão e Aristóteles. Platão vai entender a arte como imitação e Aristóteles irá vê-la de uma maneira mais ampla, mais como representação.

A arte não é neutra, como a visão não é neutra. As coisas e os fatos acontecem de uma certa forma, nós os visualizamos de uma certa forma, não necessariamente a mesma para todos, pois vai depender de onde estamos e com quais conceitos comungamos; verbalizamos essas coisas e fatos de acordo com uma língua, que é um código, e os descrevemos, narramos, também dependente de onde estamos, de nossos conceitos e de acordo com outro código, a escrita. Há de se considerar que língua e escrita não são exatamente o mesmo código. Colocando o processo dessa forma, parece evidente que entre as coisas e as palavras há os códigos da língua e da escrita.

Como ocorre sempre que se usa um código, quando se descreve uma coisa ou um acontecimento não se é possível fazer uma transmissão absolutamente fiel, “real”, da realidade. Uma imagem continua valendo mais do que cem palavras. Ou, por lado: cem palavras não descrevem exatamente uma imagem. A questão é que a transmissibilidade pela imagem durante dois mil e quinhentos anos só era possível, tecnicamente, pela escrita, ou através de pinturas, murais, ou equivalentes, obras de arte caras, dispendiosas e dependentes do pintor, que nelas inseria sua visão de mundo. Como se sabe, não há neutralidade na arte nem na visão.

Um longo e extraordinário caminho foi percorrido para se chegar ao cinema e à televisão, como forma de registrar e reproduzir imagens da forma desejada pelo artista.

O uso da escrita parece aumentar a capacidade de raciocínio do ser humano, que também graças a essa extraordinária capacidade saiu das cavernas e construiu arranha-céus; deixou de atravessar rios a nado e construiu transatlânticos; deixou de andar a pé e domesticou o cavalo, inventou o automóvel e o avião; deixou de contar o tempo pelas luas passadas e inventou o cálculo integral e o computador; deixou de saber das notícias por mensageiros vivos e inventou a televisão, o rádio, a internet; deixou de caçar mamutes com a ajuda de um machado de pedra e de desenhos dos seus traços nas cavernas e criou a cibernética.

Por isto fomos durante muito tempo a civilização das palavras.

Sabe-se hoje que há uma forte carga de ideologia nos conceitos de progresso e evolução, pelo que devemos usá-los com cuidado. Marx e Engels, no *Manifesto do Partido Comunista*, de 1848, vão dizer que a burguesia foi sempre

uma classe altamente revolucionária, criando incessantemente novos meios de produção, sempre inovando, sempre inventando novos produtos e novas tecnologias. Essa busca incessante de novos produtos e novas tecnologias, assim como a busca de novos mercados, fizeram que o capitalismo ganhasse o mundo, especialmente após a segunda guerra mundial (1939-1945), vencida efetivamente pela potência que se tornou hegemônica, os Estados Unidos, através de um processo denominado globalização. A globalização, por sua vez, alterou as relações entre as classes sociais, entre as nações que perderam sua rigidez da época do Romantismo, e também alterou as relações entre as pessoas, que passaram a interagir através de meios de comunicação eletrônica, a televisão, o computador, a internet.

A essa época, à nossa época, deu-se o nome de pós-moderno, ainda que não haja unanimidade a respeito de tal denominação. Há mesmo os que a denominam capitalismo tardio. Aliás, a falta de consenso e pelo contrário, um disseminado dissenso a respeito de praticamente qualquer assunto, é uma das características do pós-modernismo.

Nossa época, o pós-moderno, alcançou um nível de desenvolvimento tecnológico absolutamente incomparável. Especificamente quanto à imagem: construção, transmissão e armazenamento da imagem de forma perene, como nunca houve antes. Desta forma, nos tornamos a civilização da imagem, pois, querendo ou não, gostando ou não, a imagem está em todo o mundo contemporâneo, pós-moderno. As imagens estão nas casas de todos através da televisão, instrumento mais visível da indústria de massa, que leva entretenimento e noticiário a milhões de pessoas em tempo integral; as imagens estão nos computadores pessoais que se disseminam pelo mundo; as imagens estão nos filmes de cinema, nos vídeos, nos DVDs, nos outdoors, dentro e fora da cabeça das pessoas, em todos os lugares.

Efetivamente, nos tornamos a cultura da imagem, a civilização da imagem.

Paradoxalmente, nem todos concordam que há produção literária na mídia eletrônica, preferindo ver esta como simples entretenimento.

Durante séculos a escrita foi associada à cultura culta: saber ler e escrever era sinônimo de ser culto. Até porque a civilização ocidental, e todo seu aparato tecnológico, científico, literário, e artístico foi construída com base na escrita. Desnecessário lembrar que a transmissão da escrita é simples e não depende de

tecnologia sofisticada nem da existência de seres vivos, cuja perpetuação é sempre complicada ao longo dos séculos. Um exemplo clássico são os celtas, povo de grande cultura humanística, com uma elogiável visão poética de vida, que levaram seus segredos aos túmulos porque não conheciam a escrita e aparentemente não deixaram descendentes.

Assim os escritores durante mais de dois mil e quinhentos anos de civilização ocidental utilizaram a pena de ganso e o lápis para produzir literatura. A invenção da imprensa por Gutenberg em torno de 1400 permitiu a invenção do livro e a disseminação da literatura. A televisão só ampliou exponencialmente tal disseminação.

Por outro lado, durante séculos, não havia como transmitir e armazenar imagens, que dependia da genialidade de pintores, que por sua vez, sempre colocavam sua própria visão em cada quadro. A tecnologia atual, com a televisão, o cinema, o computador, o vídeo, o DVD, o CD-ROM, a fotografia, as bibliotecas digitais, tornou possível vivermos em um mundo de imagens. Mas não foi só a tecnologia; foi também o desejo do homem, que a partir de um dado momento, resolveu aparentemente voltar às origens e passou a consumir imagens; delas se alimentando; a elas recorrendo; por elas se pautando.

Dada a relevância da imagem, pensadores importantes começam a pensar o mundo em termos de imagem, produzindo textos em que abordam a relevância da imagem na contemporaneidade.

Assim, por exemplo, Renato Cordeiro Gomes vai dizer que “já se tornou lugar comum caracterizar-se o mundo contemporâneo como civilização da imagem” (GOMES: 2005, 77) e citando Fredric Jameson, vai falar em “superabundância de imagens” ou de “coleção de imagens, um enorme simulacro fotográfico”. Para Ítalo Calvino ocorre nos tempos atuais uma “inflação de imagens; e há os que consideram que o mundo real foi transformado em simples imagens”.

A relação entre literatura e artes plásticas, entre palavra e imagem, sempre foi muito próxima, sendo discutida desde a antiguidade e sendo eternizada em um dístico famoso de Horácio, poeta romano do século I a.C., “*ut pictura poesis*”, que podemos traduzir livremente como “a poesia como uma pintura e a pintura como a poesia”. A pintura poderia ser como a literatura, com ela se confundido e a pintura poderia ser como a literatura, narrativa, dissertativa. Havia claro,

divergências devido à natureza intrínseca das duas formas de expressão, tão diferentes entre si, mas tal relação se mantém mais ou menos tranqüila pela Idade Média.

No Renascimento, porém, há fortes questionamentos dessa relação entre pintura (imagem) e literatura, cuja identidade não mais será mantida. Há mesmo um ponto de ruptura histórica com o livro de Lessing, em 1776, denominado *Laocoonte* (SCHOLLHAMMER: 2001,30), em que o autor combate duramente a identidade entre pintura (imagem) e literatura.

Serão, porém, as vanguardas históricas, o futurismo, o dadaísmo, o cubismo, o surrealismo, que definitivamente vão deixar claro a separação entre a escrita e o pictórico, a literatura e a imagem.

Tal separação entre o texto e a imagem foi dramatizada por René Magritte, em 1926, que fez um quadro no qual debaixo da imagem de um cachimbo colocou os dizeres “isto não é um cachimbo”, que causou grande polêmica. Michel Foucault, no livro *Isto não é um cachimbo*, contemporaneamente vai analisar o famoso quadro de Magritte, mostrando que a imagem do cachimbo não pode ser realmente confundida com o próprio cachimbo, tanto que não é possível colocar fumo no desenho.

A partir dos anos setenta do século XX, com as revoltas estudantis na França em maio de 1968, a guerra do Vietnã, a queda do muro de Berlim em 1989, o esfacelamento da União Soviética, e com a aceleração da globalização, processo que levou o modo de produção capitalista a todo o planeta, o que por sua vez, levou a um crescente multiculturalismo, entramos no que se passou a chamar de pós-modernismo. Ocorre, então, uma revolução na ciência, nas artes, na sociedade, alterando-se a forma de ver e pensar o mundo. As imagens, através da televisão, do cinema, do computador, da internet, proliferam. O pós-moderno, mais do que nunca, vai ser o tempo “em que tudo que é sólido se desmancha no ar...” como escreveram Marx e Engels cem anos antes. Vai ser o tempo da iconolatria, pois tudo será imagem. Vai surgir mesmo o questionamento se a literatura não teria morrido.

A proliferação de imagens, com uma intensidade tal que sequer podemos apreendê-las todas, já levou um órgão governamental norte-americano especializado a concluir que o excesso de imagens, especialmente as produzidas

pela televisão, está matando a tradição literária, posição da qual o estudioso Mitchel discorda.

Mario Perniola, filósofo italiano, vai ainda mais longe em defesa da imagem, entendendo que a possibilidade de memória e disponibilidade da imagem avançaram tanto que superaram seu consumo como recepção simultânea e instantânea, de tal modo que a sociedade do “*mass-media*” possibilita a “construção de uma nova continuidade que não depende da atividade de sujeito hermenêutico, mas sim, da organização espacial que prefigura sua virtualidade” (SCHOLLHAMMER: 2001, 38).

Na realidade, questionada ou negada, a presença da televisão é inegável, estando em quase todos os lares do mundo ocidental, tomando um tempo considerável de todos, só não a assistindo raríssimas pessoas. Exatamente por isso que o alemão Schmidt, um dos grandes teóricos de literatura da atualidade, ao dissertar sobre literatura empírica vai propor a “transformação dos estudos da literatura em estudos empíricos da mídia no contexto de uma moldura teórica de estudos culturais” (OLINTO: 1993, 34).

Numa obra literária televisiva como a telenovela, coexistem o texto escrito e a imagem, a palavra, a figura, o cenário, o movimento e o som, como sempre sonhou todo escritor durante mais de dois mil anos. Em tempos pós-modernos, mais do que nunca há uma mistura de imagens e textos ainda maior do que em outras épocas históricas. Segundo vários teóricos, não há textos puramente textuais, assim como inexitem imagens puramente visuais. Não há meios puros, só existindo meios híbridos, com elementos visuais e discursivos ao mesmo tempo. Mitchell entende mesmo que:

Todos os meios de comunicação são meios-mistos, todas as representações são heterogêneas; não existe nenhuma arte “puramente” visual nem verbal, apesar de ser o impulso de pureza um dos gestos utópicos do modernismo” (SCHOLLHAMMER: 2001, 32).

Michel Foucault e Gilles Deleuze, filósofos franceses, são dois dos principais pensadores atuais que analisaram de maneira criteriosa a sociedade pós-moderna, dando ênfase à imagem. Deleuze, no livro *Foucault*, vai dizer que “os estratos são formações históricas, positivities ou empiricidades”, sendo feitos

de “coisas e palavras, de ver e falar, de visível e de dizível”. Deleuze sugere que em cada época há uma maneira de ver e dizer as coisas, “visível e dizível”:

Uma época não preexiste aos enunciados que a exprimem, nem às visibilidades que a preenchem. São os dois aspectos essenciais: por um lado, cada extrato, cada formação histórica implica uma repartição do visível e do enunciável que se faz sobre si mesma; por outro lado, de um extrato a outro varia a repartição, porque a própria visibilidade varia em modo e os próprios enunciados mudam de regime.” (DELEUZE: 1988, 58).

Nos anos 60 vivemos uma espécie de “virada lingüística”, em que havia um amplo domínio da linguagem sobre as ciências sociais. Nos tempos contemporâneos, em que as imagens inegavelmente proliferam, aparentemente estamos vivendo uma espécie de “virada pictórica”, que teria o seguinte efeito segundo Schollhammer:

... com a “Virada Pictórica”, estamos talvez assistindo o início de uma recuperação que, sem corresponder aos caminhos do realismo e dos neo-realismos históricos não deixam de indicar uma “Volta do Real” (Hall Foster, 1996) nas possibilidades criativas inerentes à tecnologia da cultura da imagem. (SCHOLLHAMMER: 2001, 39).

Desta forma, estamos deixando de ser uma sociedade em que ser culto significava ser letrado para nos tornamos uma sociedade onde há uma drástica predominância da imagem.